



# Doutores do futebol: eles não tratam os estudos a pontapé

**Reportagem.** É possível conciliar a universidade e o futebol profissional? Sim. É a história dos mestres, licenciados e estudantes da I Liga

RUI MARQUES SIMÕES

Os futebolistas são gente de poucos estudos, que "chuta com o pé que tem mais à mão", só faz "prognósticos no final do jogo" e, entre outros lugares-comuns, ainda dá uns pontapés na gramática: sim, o preconceito é claro. Mas em breve pode ser apanhado fora de jogo. Tarantini, jogador do Rio Ave, é o último exemplo de um mundo em mudança: no mês passado concluiu o mestrado em Ciências do Desporto, na Universidade da Beira Interior, com 18 valores de nota final. E são cada vez mais os licenciados e estudantes universitários que correm semanalmente nos relvados da I Liga.

Tarantini, o mais recente mestre, e Nuno Piloto, o primeiro da história (o atleta da Académica concluiu o mestrado em Bioquímica em 2009), são os guias do DN numa viagem dos balneários aos bancos da faculdade. E outras vozes se juntam à conversa: há estudantes e doutores em boa parte das equipas da "classe média" da I Liga, principalmente onde resistem mais atletas portugueses. Belenenses, Boavista ou Penafiel são apenas alguns dos exemplos.

## Lição n.º 1: estudar porquê?

Tudo começa em casa. "Os meus pais sempre me incentivaram a concluir a formação académica, a exemplo do que as minhas três irmãs tinham feito. Era algo que planeava e que aconteceu naturalmente", explica Tarantini. O médio do Rio Ave tirou a licenciatura, com especialização em Educação Física, em cinco anos, enquanto jogava no Sp. Covilhã (2001-2006) e completou o mestrado no último ano e meio – com tese sobre algo que lhe dava gozo estudar ("o sucesso defensivo no futebol: análise de ten-

dências espaciotemporais no passe entre linhas").

Como ele, outros fizeram o mesmo percurso. Filipe Ferreira, defesa do Belenenses, seguiu Gestão (faltam-lhe três cadeiras para acabar a licenciatura), com o incentivo dos pais: "Sempre me deram condições para que acontecesse." E André Fontes, médio do Penafiel, licenciou-se no mesmo ramo (Gestão de Empresas). "É uma área de que sempre gostei", explica.

## Lição n.º 2: é preciso um plano B

Para todos, continuar a estudar é um seguro de vida. "Cada vez mais há consciência de que a carreira de um futebolista pode acabar de um momento para o outro. Daí a necessidade de cada um prolongar os seus estudos e enveredar pela vida académica, para ter alguma coisa a que se agarrar", sublinha Nuno Piloto. Diogo Gouveia, médio do Boavista e estudante de Comunicação Social, pensou nisso mesmo: "Querida ter um plano alternativo ao futebol."

Para quem estuda, o futuro está mais facilmente salvaguardado. "Só uma margem pequena de jogadores se dá ao luxo de não precisar de trabalhar mais quando acabar a carreira. Eu, quando deixar de jogar, vou ter de continuar a vida e agarrar-me a outra profissão. Em Portugal, quem joga a este nível vai ter de continuar a trabalhar...", adverte Tarantini.

## Lição n.º 3: o que fazer no futuro

Para o rioavista de 31 anos faz todo o sentido continuar perto dos relvados. Tarantini é um apaixonado pelo estudo e pelo desporto. "Procurei sempre estar bem formado, também já fiz cursos de inglês, tirei o 1.º nível de treinador, mas não a pensar no dia em que deixar os relvados. Atualmente já estou a planejar várias coisas na área do desporto, investigação na área da fisio-



logia de esforço... vou fazendo isso não porque pense em ser treinador ou preparador físico, mas porque é algo que me dá gosto fazer nos tempos livres. O resto virá com o tempo", descreve.

A exemplo dele, boa parte dos estudantes ouvidos pelo DN escolheu formar-se na área que lhe é mais próxima: desporto e educação física. É o caso de Fábio Santos, guarda-redes da Académica, que trocou de faculdade ao fim de três anos em Engenharia Civil: "Vi que era muito

"Quando deixar o futebol, vou ter de continuar a vida e agarrar outra profissão"

difícil conciliar o curso com o futebol e procurei outro que tivesse mais que ver com a profissão."

João Dias, Luís Neves e Anderson Carvalho, trio do Boavista (provavelmente o clube da I Liga com mais licenciados e estudantes), licenciaram-se na área em que trabalham. "É do que gosto", diz Carvalho, que estudou no Brasil. "É a área com que me identifico", afirma Dias. "Estou a criar bases para continuar ligado ao desporto", completa Neves. Já os outros apelidos estão menos certos quanto ao futuro. Só Matt Jones, guarda-redes do Bele-

nenses, que estudou Gestão e Marketing nos EUA (*ver caixa*), não se vê a trabalhar longe dos balneários: "Quando pendurar as chuteiras quero ser treinador." Os restantes respondem como Nuno Piloto, que na tese de mestrado até tentou aproximar a bioquímica dos relvados (estudou o *doping*, "a influência da EPO nos ratinhos"): "Fica tudo em aberto. Dependerá das possibilidades que surgirem."

## Lição n.º 4: conciliar é possível

Opinião comum é de que "não é fácil conciliar os estudos com o futebol". "Foram precisos muito sacrifício, muito compromisso, muitas lágrimas também. Sempre tentei ocupar os tempos livres com algo que fosse útil: ia às aulas e estudava nas folgas. Quando há vontade, conseguimos os objetivos", conta Tarantini. "Privamo-nos de muita coisa em prol de um futuro melhor. Dizemos que é possível conciliar. Não dizemos que é fácil", resume Nuno Piloto.

No meio disto é preciso contar com a compreensão dos professores e dos colegas. "A minha dificuldade maior era ir às aulas. O meu padrinho de curso, que tinha sido meu colega nas camadas jovens, ajudou-me bastante", recorda André Fontes, um dos "doutores" que passaram pela Académica – como os boavisteiros João Dias e Pedro Costa. "Lá, pude voltar a estudar, até fui incentivado a fazer isso", recor-

da o médio do Penafiel.

O emblema de Coimbra, historicamente ligado à comunidade estudantil (*ver texto à direita*), é uma exceção. "Atualmente, os clubes não estão preparados para ter atletas de alta competição. Muitas vezes, por culpa dos pais, dos atletas ou dos clubes, cria-se uma ilusão muito grande, a ideia de ter formação académica desvanece-se e esquecem-se de que há vida pós-futebol", alerta Tarantini. "Os pais querem mais até do que os próprios filhos que eles deem jogadores de futebol. Só uma percentagem ínfima é que dá num Cristiano Ronaldo", subscreve Nuno Piloto.

## Lição n.º 5: sigam este exemplo

E no entanto os estudantes, licenciados e mestres vão aumentando. "O tempo em que o jogador de futebol era conhecido como pouco instruído já passou", enfatiza Pedro Costa, defesa do Boavista que se licenciou em Comunicação Empresarial. "Essa era uma ideia primitiva e tem vindo a dissolver-se", sublinha Aníbal Capela, defesa da Académica que está a tirar Engenharia Eletrónica, Industrial e de Computadores. E todos apelam aos jovens para lhes seguirem o exemplo. Diz Tarantini: "Tudo pode ser conciliado. Dedicção e compromisso são muito importantes. Sem isso é impossível acabar um curso superior." Palavra de mestre.

Um mestre no meio dos estudantes: Fábio Santos, Nuno Piloto e Aníbal Capela são os três jogadores com currículo universitário que resistem no plantel da Académica. No entanto, a ligação aos estudantes é mais forte em Coimbra: faz parte do ADN da Briosos. Exemplo eram as equipas de sucesso dos anos 60, como a que participou na final da Taça de Portugal de 1966-67, toda ela composta por capas negras (e até com dois finalistas, de flor na lapela).



**ENTREVISTA:  
JOAQUIM  
EVANGELISTA**

Presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol

*“É possível conciliar. Um jogador formado é melhor jogador”*

**Conhecem-se cada vez mais casos de atletas que conciliam o futebol profissional com os estudos. Eles estão mesmo a aumentar?**

Sim, felizmente existem cada vez mais casos de sucesso de jogadores de futebol profissional a conciliar o desporto e os estudos.

**Esses exemplos podem afastar o preconceito de que os futebolistas têm poucos estudos?**

Não. Infelizmente a realidade é o que é. A cultura desportiva instalada promoveu e ainda promove o divórcio entre a escola e os atletas. Ora, isso é inaceitável. É possível e desejável conciliar a escola e o desporto. Um jogador formado é melhor jogador.

**Quem decide continuar a estudar fá-lo com que motivações?**

A maioria fá-lo ainda por imposição familiar. Há pais, felizmente, que exigem aos filhos a sua formação escolar. Há jogadores que procuram valorizar-se e há cada vez mais casos de jogadores que, conscientes de que a carreira é de “desgaste rápido e curta duração”, antecipam o final de carreira.

**O sindicato recebe muitos pedidos de apoio destes atletas?**

Cada vez mais. Como lhe disse, estamos preocupados com esta dimensão: da educação do futebolista profissional. Este ano, a prioridade do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (SJPF) é a qualificação do jogador. Para tanto estamos a ultimar um plano anual de formação dirigido aos mais jovens, aos jogadores no ativo, em fim de carreira ou desempregados. A *dual career* é uma oportunidade única. Queremos que os jogadores ocupem funções de direção nas estruturas do desporto, à semelhança do que acontece noutros países.

**Que iniciativas têm em prática para quem quiser continuar a estudar?**

O SJPF tem procurado oferecer diferentes soluções de formação para os seus associados. Em breve, vamos introduzir o “cheque formação” para quem necessitar de apoio para concluir os estudos. E no âmbito do “projeto solidariedade” temos encaminhado atletas para a escola, como o Fábio Faria [ex-Rio Ave e Benfica, teve de deixar os relvados devido a problemas cardíacos], a quem foram pagas as propinas do curso de Gestão Desportiva no ISMAIL.

**EXEMPLO**

**Faculdades são base do desporto nos EUA**

“Se um atleta nos Estados Unidos quer ser jogador de futebol, basquetebol, ténis, baseball ou qualquer outro desporto profissional tem de ir para a universidade durante quatro anos. Faz parte do caminho. É um sistema espetacular.” Matt Jones sabe do que fala: passou pelo sistema norte-americano, onde as ligas universitárias servem de antecâmara dos grandes campeonatos desportivos e a grande maioria dos atletas é licenciada. O guarda-redes do Belenenses tirou Gestão e Marketing na Sacred Heart University e só tem bem a dizer: “Para ser sincero, não me imagino a seguir essa carreira, mas coisas que aprendi vão ficar comigo para sempre, têm um valor inestimável”. Tarantini também só vê vantagens nesse modelo. “Devíamos olhar para os moldes dos EUA, onde a maioria dos profissionais vem da universidade e há limite de notas para entrar no desporto.” Lá, casos como o dele são regra e não exceção.

**Académica, onde os estudantes são uma questão de identidade**

**TRADIÇÃO** Em Coimbra já se licenciaram 131 jogadores da Briosos. Hoje restam dois estudantes e um mestre (Nuno Piloto) no plantel

A Académica é especial. Não há emblema igual em Portugal, em que a tradição se funda assim com a realidade. O clube dos estudantes é mesmo um clube de estudantes? Já foi mais. Mas ao longo de uma história centenária licenciaram-se 131 jogadores enquanto vestiam a camisola preta da Briosos.

Nuno Piloto, um dos capitães da equipa, foi um dos últimos – em 2009, concluiu o mestrado em Bioquímica. Para ele, futebol e formação casaram na perfeição. “Como sabia que ia entrar na Universidade de Coimbra, vim treinar à experiência na Académica, e fiquei... A partir daí foram passos naturais em função dos valores e princípios que me foram inculcados pelos meus pais”, recorda, ao DN.

Como o médio, de 32 anos, largas dezenas de atletas fizeram o mesmo caminho. Até ao dobrar do milénio, os plantéis da Associação Académi-

ca de Coimbra eram, na maioria, compostos por estudantes. Fazia parte da identidade do clube, que foi fundado no seio da associação de estudantes e só se autonomizou após o 25 de Abril de 1974. “A Académica foi evoluindo sempre nessa tradição”, resume João Santana, coautor do livro *Académica - História do Futebol*, lembrando os tempos em que havia uma grande comunhão entre jogadores, adeptos e dirigentes, todos universitários, e os futebolistas só admitiam deixar Coimbra após terminarem o curso.

Então, os estudos eram mesmo a prioridade. “Era normal faltarem aos treinos porque tinham de estudar”, conta Santana. E para a lenda ficou a resposta de Artur Jorge (futuro internacional e selecionador português) a um jornalista, quando a Briosos lutava pelo campeonato, taco a taco com o Benfica, em 1966-67: “Qual título? Eu tenho um exame de Alemão amanhã...”

Agora, resistem no plantel um mestre, Nuno Piloto, e dois estudantes, rendidos à história: o guarda-redes Fábio Santos (Desporto) e o central Aníbal Capela (Engenharia Eletrónica, Industrial e de Com-

putadores). “É bom estar num clube que tem essa tradição e envolvimento dos estudantes. Dá-nos uma imagem, outra visão. É simbólico. Também vamos querer entrar nesses números [dos 131 que se formaram ao serviço da Briosos]”, resume o guardião, com um percurso parecido com o de Nuno Piloto – mal entrou na Universidade de Coimbra, em 2010, transferiu-se para os juniores da Académica.

Para os adeptos, na verdade, a ligação à universidade já é mais tradição do que realidade (resiste em pequenos gestos do dia-a-dia, como o “canelão”, o hábito de praxar os jogadores que se estreiam no onze titular, e na equipa sub-23 que o clube inscreveu nos distritais de Coimbra). “A ligação perdeu-se. Dizem que era impossível mantê-la e estar no futebol profissional e que os tempos são outros. Mas a Académica devia procurar jogadores-estudantes, promover mais essa filosofia e aproveitar mais das camadas jovens”, insiste João Santana. “Sim, é possível voltar a apostar nos estudantes. E o futuro da formação e do futebol português devia passar por aí”, remata Nuno Piloto.



**DOUTORES** › O DN conta-lhe as histórias de quem concilia o futebol profissional com a vida universitária. E eles dizem que é possível. **PÁGS. 52 E 53**

